

Pontes para 2002

• Fernando Henrique já flertou outras vezes com as esquerdas, e sempre sem maiores consequências. Não arredou do receituário do FMI nem adotou projetos desses partidos no Governo. Sua última conversa com dirigentes do PPS de Ciro Gomes pode ter sido mais uma dessas ocasiões. Mas há quem veja na reaproximação uma tentativa real de construir uma ponte para 2002.

Não que exista, hoje, a mais remota intenção do presidente da República de vir a apoiar o ex-governador do Ceará. E nem, em contrapartida, qualquer expectativa realista de Ciro de ser o candidato do Planalto — o que equivaleria a negar 90% de seu discurso. Isto certamente não há.

Mas a trégua que pode interessar a ambas partes da constatação de que é cada vez maior o conjunto de forças no partido do presidente e no Governo, que está se equilibrando com um pé em cada canoa: a do Planalto e a de Ciro.

Traduzindo: hoje, as candidaturas de José Serra, Tasso Jereissati, e provavelmente de qualquer outro tucano, de um lado, e a de Ciro, de outro, são consideradas excludentes. Isso ficou mais claro ainda há dias, quando o governador do Ceará fez questão de explicitar algo que todo mundo já sabia: só é candidato (ou só deve apoiar alguém do PSDB) se Ciro não for.

A novidade é que, à medida que o tempo passa, esse sentimento vem encontrando eco em mais e mais tucanos. Cresce entre essas forças a convicção de que qualquer candidato do PSDB que FH venha a apoiar em sua sucessão — e aí entra também Mário Covas — só terá lugar ao sol e chances razoáveis se Ciro não estiver no páreo. Ou ao menos num acordo com ele.

Por isso, há hoje muita coisa em comum nos planos dos tucanos do Governo e do grupo que apóia Ciro. Sabem que, com a perspectiva de uma candidatura forte do PT numa ponta do espectro, e de um outro provável candidato da direita na outra, as forças de centro-esquerda não devem se dispersar.

Então, diz-se nos dois lados, por que brigar agora? Vai-se levando o barco até lá e, quando chegar o momento, o nome mais forte desse grupo irá se impor naturalmente.

Não é por outra razão que Ciro Gomes ficou quieto nos últimos tempos. E quietinho também estava quando os senadores Roberto Freire e Paulo Hartung entraram no Alvorada para conversar com o presidente da República. Ciro pode não querer Fernando Henrique, mas o apoio dos tucanos ele quer — e muito.

O ex-governador do Ceará sabe que o Planalto pode estar jogando para neutralizá-lo e fazer crescer uma candidatura do PSDB para ocupar seus espaços até 2002. Ao que tudo indica, é isso mesmo que acontece.

Mas, com seus 18% de preferência nas pesquisas, Ciro tem também perfeita consciência de que, a não ser que o Governo Fernando Henrique produza uma espécie de milagre econômico daqui até lá, dificilmente um tucano lhe tomará a dianteira no ranking das forças de centro-esquerda. Daí porque não teria nada a perder por esperar, sem hostilizar o PSDB de FH. No fim das contas, o beneficiário poderá ser ele próprio.

Roberto Freire continua afirmando que a aliança preferencial do PPS em 2002 é com o PT. Mas alguém acredita que os petistas deixarão de ter candidato à Presidência? Por isso, Freire diz que é possível também um acordo com o PSDB, que pode incluir ainda setores do PMDB. E acrescenta ser perfeitamente razoável recompor, as relações entre Fernando Henrique e Ciro, já que, segundo ele, as divergências nunca passaram ao plano pessoal.

Outro elo importante na cadeia PSDB-PPS é o senador Paulo Hartung, ex-tucano que deixou o partido por questões da política capixaba, mas que mantém as ligações com tucanos de altíssima plumagem, como José Serra, o ex-ministro Mendonça de Barros e o próprio Fernando Henrique.

É preciso deixar claro que é tudo um jogo. E só o tempo — e o desempenho do Governo neste segundo mandato — irá mostrar quem tem, de fato, a quadra de ases. Até agora, Ciro tem tido sorte nesse pôquer. Mas chegará até 2002 sem parecer um blefe?

FH, que passou o primeiro mandato jogando o jogo da reeleição, tem dito a interlocutores que sua preocupação agora não é com popularidade. Mas sim com o que o cidadão de 2015 vai pensar dele. Passou a ser uma questão de biografia e de perspectiva histórica.

Nessa linha de raciocínio, é razoável supor que talvez as conversas com a oposição — e não só com o PPS de Freire — comecem a render mais frutos.